

## O ATRATIVO INICIAL DO COMUNISMO

Por GEORG STADMULLER. Da publicação alemã "Estudo Sôbre a União Soviética", do Instituto para o Estudo da URSS.

Traduzido da Revista Ejercito, Espanha, Fev 62, pelo Major RUBENS MÁRIO JOBIM.

Parece difícil, à primeira vista, encontrar uma explicação para a indiscutível atração emanada das doutrinas e sistemas totalitários. É indispensável, porém, buscar as causas do que, sem dúvida, constitui a enfermidade política de nosso tempo.

Ao analisar este tema, deseja-se comparar os sistemas soviético e nazista. Ainda que não o façamos, temos de admitir que ambos os regimes possuem características psicológicas comuns. Tanto na Alemanha como na União Soviética, uma grande parte da população viu-se arrastada por uma força irresistível para o movimento organizado das massas. Qual é a natureza dessa atração?

O poder de fascinação é um fenômeno bem conhecido dos psicólogos. Seu significado é o da suspensão das faculdades racionais. O forte impacto produzido por um fato exterior imaginário cria na alma do indivíduo uma imagem falsa, que acaba por se converter, por sua intensidade, em uma realidade do mundo exterior.

Em nosso caso, atinge-se a fascinação máxima sobre aqueles indivíduos que, por *não possuírem crenças ou opiniões firmes*, não estão em condições de oferecer resistência aos símbolos e "slogans" da ideologia totalitária. O vazio espiritual é o fator chave no êxito e expansão de uma ideologia totalitária. Durante o regime nazista, pôs-se em evidência que aqueles que possuíam profundas convicções religiosas constituíram a parte da população relativamente imune à ideologia hitleriana. Em troca, ela atuou vantajosamente sobre aqueles que sentiam a necessidade de ter fé, em algo. Ante essa necessidade não satisfeita por nenhuma forma religiosa ou filosófica, o ser humano se aferra a um substitutivo, à pseudo-fé que tem por base a propaganda e a persuasão das massas. Só assim se consegue entender a atração exercida pelo sistema soviético. O comunismo é, pois, para eles, uma satisfatória resposta à sua inquietude, mais convincente ainda por se apoiar em termos científicos. A ideologia soviética afirma que na grande sucessão de ideologias é a primeira que em si mesma constitui uma ciência, que substituiu os falsos paraísos da utopia socialista de Marx e Engels, por um socialismo científico. Pela primeira vez, aparece uma ideologia que se jacta de autoridade científica.

Outra importante fonte de atração do comunismo é sua natureza monolítica. Uma filosofia que admite discussão, encontra dificuldades para se impor. Mas o comunismo alega possuir respostas irrefutáveis

e definitivas para qualquer questão relacionada com as ciências naturais ou a história da sociedade humana. Estas respostas se assentam sempre em bases materialistas e no postulado de que existe um processo evolutivo governado por leis inflexíveis. Segundo esse ponto de vista, a história está regulada por essas leis, e não só o passado pode ser analisado com a ajuda da dialética, senão que cabe também predizer com precisão a trajetória futura da história. Pela primeira vez, como Marx e Engels vaticinavam, é possível descobrir como os processos históricos se sucedem de um modo lógico, obedientes a leis naturais, até o triunfo total do comunismo universal. Esta pretensão de subjugar a história a formas previstas constitui outro dos atrativos do comunismo, que não perde oportunidade de tornar patente a inevitabilidade de seu triunfo sobre o capitalismo.

Tem-se dito que o comunismo apresenta traços característicos muito semelhantes aos de caráter religioso. E até se tem perguntado se não poderia constituir-se em um substitutivo da religião. A afirmativa não parece demasiado apartada da realidade. O sistema soviético possui suas hierarquias, autoridades doutrinárias, dogmas, conchaves de partido, de organização e funcionários, que lembram os de organizações religiosas. Possui, inclusive, "textos sagrados" para leitura dos "crentes". O partido compendia a essência do sistema soviético e sua doutrina de salvação. Ainda mais, os comunistas fervorosos regozijam-se de sua total entrega ao partido, como demonstram as Memórias de Wolfgang Leonard e, de um modo mais estremeceador ainda, as de Jan Valtin. Nelas falam de seres humanos nos quais a capacidade de pensar e atuar livremente foi atrofiada a tal ponto, que para eles o valor supremo existente é o partido. Em um de seus parágrafos, diz Valtin:

"O partido é o primeiro. Infinitude de seres humanos permanecem enterrados sob este epitáfio. Quem entra no partido se entrega a êle de corpo e alma. Apesar do cinismo que se apossa, cada vez mais, daqueles que dedicaram suas vidas à causa, nós amamos o partido. Sentimo-nos orgulhosos de seu poder e de nossa servidão, porque a êle tudo sacrificamos, juventude, esperança, todo o entusiasmo e livre arbítrio que antes tivemos."

Isto nos dá idéia de um estado mental que representa uma chave para poder entender o comunismo: a ânsia por abraçar uma causa comum, destruindo-se a si próprio a seu serviço. O entregar-se à comunidade, ou, como se diz na União Soviética, à coletividade, parece ser o objetivo da existência individual, que se sente dessa maneira livre da responsabilidade pessoal. O indivíduo é, assim, aliviado da pesada carga que significa o buscar a liberdade à custa de seu próprio esforço, de decidir de acôrdo com sua consciência, de atuar sob sua responsabilidade. Esta ilusória solução de seus problemas dá-lhe um novo significado à vida e cria um novo conceito de liberdade. Como a história, segundo os comunistas, é um processo predeterminado, ao indivíduo somente lhe toca o deixar-se arrastar pela maré, convertido em uma partícula infinite-

simal na potente corrente da história. Unicamente cabe alcançar um determinado grau de liberdade, compatível com o processo e o determinismo social e econômico, aceitando as coisas de conformidade com as leis eternas da história.

Qual é a força da ideologia soviética ao defrontar-se com outras ideologias? Os escritos de autores ex-comunistas põem em relevo que o indivíduo que foi formado no materialismo dialético e histórico, que nele passou sua juventude, que por ele tem lutado, é menos provável que perca sua fé por desenganadoras experiências dentro de sua própria sociedade, do que pelo contato com o mundo exterior. Em consequência, nada mais vital para preservar a ideologia soviética, que evitar aos seus fiéis tais contatos. Ainda entre aqueles que abjuraram do comunismo, a fé no destino da União Soviética tarda em desaparecer. Uma revolução raramente devora todos os seus filhos. E por isto torna-se impossível desarraigar por completo as idéias inculcadas por uma ideologia, ainda que esta tenha sido abandonada. A maior parte dos ex-comunistas parecem apresentar a mesma dúvida; tratam de conservar sua fé no marxismo, mas não podem explicar como, se suas premissas são corretas, foi possível o engrandecimento de Stalin. São incapazes de compreender como o comunismo saiu da senda do marxismo-leninismo para cair na degradação staliniana, nem como de premissas corretas puderam extrair-se conclusões tão falsas.

Aqui cabe perguntar até que ponto os que vivem sob o comunismo aprovam o atual sistema, e em que aspectos o fazem. A minoria que se uniu aos bolchevistas nos primeiros anos da revolução, pode ter sido sincera e desinteressada; mas os frutos de seus sacrifícios lhes foram usurpados pela classe burocrática que lhe sucedeu e que se jacta de suas convicções comunistas como um meio de preservar seus privilégios materiais. É difícil admitir que esta "nova classe" acredita verdadeiramente no sistema soviético. Pelo contrário, parece que dentro do bloco soviético tende-se cada vez mais a desfrutar de um sistema de vida em estilo burguês, como recompensa à docilidade em dobrar-se às exigências do partido. Este aspecto passa em muitas ocasiões desapercibido para o mundo exterior, que, pelo contrário, se vê afetado pelo impacto que representa a monolítica estrutura do sistema soviético. Entretanto, parece que este impacto é cada vez menos forte dentro do próprio bloco, e que seu efeito e o de sua propaganda é, na presente geração de comunistas, bastante menor que entre os membros dos países não comunistas. Isto nos leva à conclusão de que os esforços para pôr em prática uma idéia sedutora conduziram a uma autoderrota e a uma desilusão, que os fatos tendem a demonstrar. O velho grito de batalha dos marxistas, a capacidade do ser humano para atuar como seu próprio salvador, contribuiu indubitavelmente para o triunfo do bolchevismo. Mas a União Soviética atual perdeu muito de sua novidade revolucionária e carece de força para arrastar a imaginação.

É inquestionável a vantagem que o comunismo sempre tem obtido no campo da propaganda. Mas esta vantagem depende menos da força

política do comunismo que da debilidade política e desunião do resto dos países. A esta falta de unidade política se une a ausência de uma filosofia aceite pela maioria e a uma grande variedade de níveis de vida, o que permite a existência de uma multidão de opiniões distintas e antagônicas. A democracia do Ocidente não está preparada para fazer desaparecer esta pluralística armadura social. Isto traz consigo, pelo menos nas camadas mais baixas, uma desvantagem ideológica com respeito ao comunismo. Entretanto, mediante uma livre e prolongada contrastação entre os conceitos do Este e do Oeste, se demonstraria, sem lugar a dúvida, a vantagem dêste último. Contudo, esta superioridade pode unicamente manifestar-se em discussões entre indivíduos privados; de nenhum modo no plano de alta política, que representam as conferências entre governantes comunistas e ocidentais. A ideologia comunista parece mais forte no aspecto psicológico, embora não o seja senão pela simples razão de não admitir a livre discussão. O Kremlin, consciente de sua debilidade, proíbe qualquer intercâmbio de pontos de vista. Unicamente suas delegações, convenientemente industriadas para o caso, ou qualificadíssimos funcionários do partido, podem, por regra geral, estabelecer discussões com os representantes do Ocidente.

Observemos a situação do mundo atual e a da União Soviética e de todo o seu império. Vemos que êste poderoso bloco de Estados, que conta com quarenta anos de existência, custou a vida de milhares de indivíduos e arrastou a outros pela fascinação de seu messianismo, para o êrro e para a desilusão. Transformou pessoas idealistas em cinicas, fanáticos em incrédulos, lutadores em escravos, assassinos em vítimas, mas conservando em posição de inigualado poder oficial um pequeno grupo de sobreviventes. Êste grupo utiliza, para governar, o terror, a propaganda, as promessas de um futuro esplendoroso como cidadãos da poderosa nação que iniciou a conquista do universo com as trajetórias de seus Sputniks. Êste bloco de Estados, em que pêsse a sua repugnante história, conseguiu, mediante sua potência militar e sua propaganda, manter em suspenso a Europa e a América, e exercer uma notável fascinação, especialmente naqueles países em período de desenvolvimento.

Este é o problema político fundamental de nosso tempo. Os antigos territórios coloniais das grandes potências européias enfrentam graves dificuldades específicas: quando um povo, que permaneceu estático ante o avanço social de nosso tempo, conservando durante séculos suas miseráveis condições de vida, comprova, através de seu contato com as nações industriais do Ocidente, que existe outro tipo de vida, sua impaciência transborda e pretende realizar a revolução em um abrir e fechar de olhos. O acreditar que possa alcançar uma moderna sociedade de tipo industrial sem passar pelos estados intermediários que custaram à Europa Ocidental um par de séculos, é terrivelmente perigoso. Uma súbita transformação da estrutura tradicional dos países subdesenvolvidos, pode produzir estragos em seus conceitos morais e religiosos. O tentar converter em democracias do estilo ocidental a países cuja organização não responde, nem em um mínimo, aos requisitos necessários, conduzirá à

mais tremenda confusão social. O exemplo do que sucedeu aos países do Sudeste da Europa, nos princípios do Século XIX, vai repetir-se de novo nas recém-criadas nações independentes que carecem de uma classe média estável, de um sistema universal de educação e que não contam com a necessária quantidade de pessoal administrativo. Em consequência, os esforços para praticar os métodos democráticos do Ocidente serão, em muitos casos, inúteis, especialmente se certos elementos da classe governante abusam dos procedimentos democráticos. Em tais casos, o caminho mais fácil a seguir é o de substituir os governantes civis por uma junta militar, com o pretexto de restaurar a estabilidade superficial da cena política. Esta "saída de emergência" de caráter autoritário converteu-se na solução tentadora para muitos dos novos Estados independentes.

A pressa pelo progresso técnico apoderou-se dos novos países que têm acesso aos mais modernos centros de saber ocidental. Seus estudantes têm a oportunidade de receber ensinamentos no estrangeiro e, em consequência, a carência de engenheiros, por exemplo, não é grande, pelo menos nos países asiáticos. Não cabe dúvidas de que proporcionar engenheiros à Índia levou sua indústria ao seu estado atual de desenvolvimento. Mas resulta muito mais fácil formar pessoal técnico que organizar o potencial industrial que cubra todos os ramos da produção do país. É esta a situação típica nos países subdesenvolvidos. Eles pretendem alcançar, em um prazo mínimo, o nível técnico e industrial das mais potentes nações, incluindo entre seus modelos a União Soviética. Esta exerce um poderoso atrativo. Eles compreendem que ao chegar ao nível de prosperidade dos Estados Unidos é empresa fora de seu alcance, no momento.

A imagem do poder econômico com que a União Soviética encarregou-se de deslumbrar a esses países, é, por outro lado, totalmente desproporcionado. Em que pese seus grandes progressos, sua produção durante o último decênio não foi mais do que 40% da norte-americana. Se se compara a produção total do bloco comunista com a dos Estados Unidos, Canadá e Europa, a proporção é só de um para três. Embora não existam ainda sinais evidentes da influência econômica ou cultural soviética fora da órbita de seus satélites, parece que cada vez toma mais corpo entre as camadas sociais mais baixas, que a União Soviética é uma terra de poder quase legendário. Existem para isso três razões: A primeira é a falta de crítica e oposição dentro da sociedade comunista. O partido pode seguir sua política sem interferência e com a intensidade que proporciona um único cérebro. Em segundo lugar, o fato de o sistema econômico soviético ser governado pelo controle estatal. No Ocidente, com o mercado livre, a margem comercial e o cálculo ocupam um importante lugar na questão. Isto significa que os dirigentes soviéticos podem, por exemplo, lançar mão de milhares de engenheiros para os pôr a trabalhar quase de imediato em seus projetos de primeira prioridade, sem problemas de mão de obra e sem ter que prestar contas a ninguém.

A terceira causa da desproporcionada reputação da União Soviética entre os países em desenvolvimento, é a sua incessante, intensa e extremamente sutil propaganda. Esta propaganda raras vezes revela sua origem comunista, preferindo ocultar-se sob epítetos tais como "progresso", "pacifismo", "democracia"... Em tôdas as grandes povoações do Sudoeste da Asia, assim como no Japão, encontra-se constantemente livrarias em que se anunciam livros "progressistas". Estas publicações soviéticas, que se vendem a preços muito baixos, consistem de trabalhos de Marx, Engels e Lenine.

A ignorância da história russa em geral, e das condições econômicas e sociais soviéticas em particular, prepara o terreno para a propaganda vermelha nas áreas subdesenvolvidas. Únicamente no Japão existe mais oportunidade para sérios estudos sobre a Rússia, pois na África e na Índia não existem facilidades para isso. Mas, quando se pensa que até no civilizado Ocidente é muito considerável, em muitos aspectos, a ignorância da história russa, não cabe recriminar a africanos nem a indianos. Talvez a mais importante consequência dessa ignorância seja a propaganda soviética, totalmente falsa, acerca do ritmo de industrialização da URSS. A verdadeira perspectiva não se pode estabelecer, devido ao desconhecimento dos fatores básicos do progresso industrial alcançado pela Rússia czarista. Lenine dedicou sua atenção a tal progresso no trabalho "O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia", escrito entre 1895 e 1897. De 1890 a 1900 o número de operários empregados na indústria passou de 1,5 a três milhões. E, em 1913, a indústria do aço havia alcançado a uma produção de cinco milhões de toneladas, quantidade que, se bem inferior à da Alemanha e França, superava a do bloco austro-húngaro. Não é acidental que esse livro tenha deixado de ser incluído entre as obras de Lenine dedicada à propaganda no estrangeiro. Demonstrava que antes do advento do comunismo, a industrialização marchava, na Rússia, a grandes passos. Isto refuta a acertiva comunista de que a Rússia não começou a se destacar como nação industrial antes da chegada dos soviéticos, com seus métodos de economia planificada e centralizada.

Parece haver-se esquecido que todo progresso social e político do Ocidente, durante o último meio século, tornou antiquados os ensinamentos de Marx sobre o capitalismo. Ao ater-se estritamente a tais conceitos, obstinando-se em ignorar as modificações operadas, a ideologia soviética manifesta seu alto grau de ossificação.

A falta de familiaridade com as verdades do mundo soviético explica-nos o êxito da propaganda comunista entre os países pouco desenvolvidos e, em particular, entre intelectuais. Estes não passaram pela experiência de muitos admiradores que o Ocidente tem na própria Rússia, que presos primeiramente da fascinação de sua ideologia, sofreram a mais amarga das decepções, ao descobrir a realidade oculta.